

MORTE NA CARTUXA

Maurilio José de Oliveira Camello*

Resumo:

Narrativa em forma de conto, em que personagem imaginário assiste aos últimos momentos e morte de Dom Viçoso, em sua casa de repouso em Mariana.

Résumé :

Récit sous forme de conte, dans lequel un personnage imaginaire assiste aux derniers instants et à la mort de Dom Viçoso, dans sa maison de retraite à Mariana.

A noite de julho foi caindo fria pelas encostas do Itacolomy e uma profusão de vagalumes tentavam iluminar, desde a primeira escuridão, aquelas paragens silenciosas em que o bispo havia construído sua casa de campo. Na realidade era mais que uma casa de campo. Era um retiro, um lugar afastado da azáfama em que se via enredado no palácio episcopal, tendo que atender a dezenas de pessoas que o procuravam, desde a procissão de pobres da cidade (e os havia muitos, incontáveis, desde que a penúria se instalara naquelas terras do ouro) até o pessoal eclesiástico, vigários, cônegos, candidatos ao seminário, freiras, e os agentes da administração civil, que desciam de Ouro Preto para consultas, entrega de correspondência e até as monótonas visitas oficiais. Sem se falar nos que não se anunciavam e vinham trazer ao bispo seus problemas familiares, suas dificuldades financeiras, quando não para uma simples visita de cortesia, já que todos se julgavam seus íntimos amigos. No fundo, ele era mesmo responsável por toda aquela procura, jamais deixando quem quer que fosse sem uma palavra, sem uma ajuda, uma expressão qualquer de amizade. Seus auxiliares olhavam tudo aquilo com apreensão, pois viam sua saúde enfraquecer-se dia a dia, sua tosse agravar-se, sua progressiva falta de memória adiar medidas ou interromper o que não podia esperar. Quando decidia retirar-se para a “Cartuxa”, todos respiravam aliviados. Ali, na casa sobradada, cercada pela horta que ele

* Licenciado em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, mestre em Filosofia e doutor em História social pela Universidade de São Paulo. Professor aposentado da UFMG. Participou da edição da *Correspondência de Dom Antônio Ferreira Viçoso (1823-1875)*, publicada pela Fundação Alexandre de Gusmão (Brasília).

mesmo plantara, com o lago de São Bruno ao fundo, podia respirar o ar puro, e fruir do silêncio que quisesse. E foi ali, naquela solidão, que decidiu viver seus últimos dias, como confidenciara ao Padre Matos: “Meu amigo, *advesperascit*. Chegou minha hora. Dizem que os elefantes escolhem o lugar para morrer. Escolhi o meu e é lá em cima”.

Encosto-me no fogão de lenha que o Sebastião deixou aceso. O feijão está cozinhando numa panela de pedra, enquanto noutra a água para o banho se aquece. É preciso ter sempre água quente tanto para a hora do parto como para a da morte. A cozinha está mal iluminada com o lampião que as Irmãs doaram, mas mesmo assim é possível ver as sombras e reflexos. De vez em quando chega-se a ouvir a respiração difícil, quase o estertor do moribundo. O Padre Matos reveza com Mons. Augusto nos cuidados, mas sentem que o fim está muito próximo. Já foram feitas as últimas orações, dada novamente a extrema-unção, e o bispo deu sua bênção para a diocese, os amigos, as meninas órfãs da Casa da Providência. Está morrendo. Fico daqui pensando, eu que fui seu antigo fâmulo e assistente, como deve ser a morte de um homem como esse. Ele se dedicou de corpo e alma ao serviço divino. Pelo menos desde que o conheci, não pude pensar outra coisa a seu respeito senão que era um santo. Hoje, depois de tantas idas e vindas de minha vida, fico me perguntando o que é ser santo. Se vale a pena. Uma barata veio descendo da esteira do teto e não sei se por medo, ao ver-me, arrepiou caminho e voltou à fuligem do forro. O que é ser santo? Quero pensar nesse objeto, que o Sr. bispo dizia ser o mais importante, para quem campeia por este vale de lágrimas. Se não achar resposta, os anjos não poderão dizer que não procurei.

O bispo não ficou de todo livre das ocupações, quando subiu ao retiro da Cartuxa. Havia coisas que não se podiam ocultar-lhe. E uma das mais penosas foi a notícia de que o Vigário Castro voltara à sua antiga mancebia. Essa história vinha sangrando seu espírito desde dez anos, quando em visita à freguesia do Casca descobrira a situação verdadeira do vigário. Não que ignorasse, pois alguém, daqueles confins, lhe mandara uma carta anônima, com a informação e os detalhes. A bem dizer, cartas anônimas é o que mais recebia a respeito de seus padres ou daquelas pessoas que, de algum modo, participavam da administração eclesiástica, como fabriqueiros, esmoleres, presidentes de associações e irmandades. Pouquíssimos vinham à sua presença para reclamações claras e assumidas. Esses mineiros de cuja salvação se incumbiu há trinta anos eram gente boa, mas como gostavam de penumbra! O que mais saiu de notável na carta recebida a respeito do Vigário Castro fora o tom. A acusação vinha irônica, cheia de malícia, por que não dizer cheirava a ódio - que Sua Excelência não se enganasse quanto àquele lobo voraz das ovelhinhas mais tenras do rebanho, e até na falta dessas não deixava no olvido ovelhas mais banhudas e experimentadas. Em vez do pábulo espiritual, o bispo podia muito bem imaginar o que o arrematado conquistador lhes dava. Enfim, como já dizia um antigo apotegma: “de padres não faz mal muita distância e respeito”. Apotegma? Quem poderia no Casca escrever uma palavra dessas? Não importava. O certo é que, estando na freguesia, não foi

difícil tirar tudo a limpo. O Castro vivia com manceba teúda e manteúda. Fora preciso chamá-lo à disciplina, para reconhecer-se como pecador público. Jurou com muitas lágrimas a mudança de vida. O fruto do juramento foi trazer mais uma barregã para dentro de casa; agora tinha duas e a primeira com filhos. E de onde tirava recursos para esta vil proeza? O bispo lhe mandou de imediato a suspensão de ordens e que viesse para o seminário fazer penitência. E já, pois sua alma corria gravíssimo risco de se perder e a suas companheiras. E ainda se fosse apenas o negócio do Castro, mas havia também outras prementes necessidades, como o abaixo-assinado por mais de um capítulo desrespeitoso e malcriado de alguns figurões da freguesia de Pinheiro, contra o Vigário Teles do Vale, tido como turbulentão e que lançava mão dos anátemas canônicos contra os adversários da política liberal, “pseudo sacerdote, que com a mais requintada hipocrisia, e ardilosas trapaças, vai iludindo ao nosso venerando Prelado”. O que estaria fazendo por aquelas roças o patrício vigário Vale? Valha-nos Deus. E por cima dessas dores de cabeça ainda afligia a dor maior, a situação dos bispos presos no Rio de Janeiro, santos homens meio estouvados, especialmente o mais novo, que se meteu numa camisa de sete varas e deixara aos tapas o governo e a Igreja. O venerando prelado, na expressão das ovelhas agitadas de Pinheiro, sempre dissera aos homens do governo o que quisera, às vezes até com energia, mas sabia onde punha os pés e o modo. Que naqueles tempos havia muito a preservar do conúbio entre os poderes, ou antes, para usar a expressão do Cônego Santos, as duas sociedades perfeitas. Mas as nuvens se amontoavam na linha do horizonte e podia vir uma tempestade dos diabos, na mais exata expressão desse termo, porque só podia ser obra do demônio subverter a ordem criada por Deus. Velho, já recolhido ao lugar da sua morte, o prelado já não podia fazer grandes coisas nesse capítulo, a não ser meter os joelhos calejados no chão e orar. E ralar-se.

Estamos todos no quarto para assistir o momento supremo. Monsenhor Augusto foi muito claro. Nossa pai está morrendo, disse ele em voz baixa. Na realidade, o anjo da morte já fez a devastação que podia e devia fazer, como é de sua função, neste corpo antigo. Já não se vê mais nenhuma carne no rosto, outrora belo e solene. Os olhos vivos afundaram-se no seu côncavo e se apagaram. Já não brilham mais de ternura, como tantas vezes pude ver, quando tratava com as crianças abandonadas da casa das Irmãs. Ou de ira, quando percebia a tramoia ou canhice em que algum deputado provincial queria enredá-lo para obter favores nas freguesias da diocese. O santo homem está morrendo. Dizem alguns teólogos que neste agora a alma vê tudo com enorme clareza. A vida se lhe passa diante e o futuro se oferece como aposta. É o minuto, ou talvez menos, da grande decisão. Tenho que neste caso já tudo está muito decidido, as opções foram feitas e mantidas há muitos anos, tanto que o corpo não acusa nenhuma comoção, está quieto como um campo à beira do crepúsculo. Mesmo as crises de respiração passaram, enquanto o pulso está praticamente mudo. O coração do meu prelado e padrinho vai chegando ao

último silêncio. O Padre Matos murmura aos ouvidos do moribundo a palavra final de Cristo: “In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum”, e ajunta: “redemisti me, Dominus Deus veritatis”. A respiração diminui mais ainda. Um gemido - quase que um suspiro de alívio, vem-lhe do fundo do peito. A palidez do rosto, o queixo totalmente caído e duas lágrimas que correm dos olhos. O padrinho está morto. Mons. Augusto cerra-lhe os olhos com dedos trêmulos. Observo que ele e o Padre Matos choram. O negro Sebastião também não segura os soluços e o tremor de seus ombros me impressiona. “Deus veritatis”. As palavras latinas como que martelam dentro de minha consciência. Sinto a cabeça doer.

O bispo veio a morrer na noite de 7 de julho, entre dez e onze horas. A casa foi toda iluminada de candeias e velas e mandou-se um fâmulo à cidade para dar a notícia, que, de fato, era por todos esperada. Pela meia noite os sinos das igrejas começaram a tocar, principiando por nove badaladas, e seguindo-se osdobres, sem interrupção pelo resto do dia.

O Padre Matos, Mons. Augusto e eu prestamos os últimos serviços que de nós reclamava seu cadáver. O Padre Matos, querendo repetir costumes de Portugal, segundo disse, sugeriu um banho de água e vinho e no momento que despimos o corpo, ahei-o muito branco, de uma brancura cuido que luminosa, como não é de se ver em cadáveres. O monsenhor que é seu tanto místico murmurou: “é como uma hóstia consagrada”. Não me ocorre nenhuma emoção muito forte, apenas o pensamento de que, com a morte do padrinho, acabou uma fase de minha vida. Há dois meses estou em sua companhia, praticamente à sua ordem, mas devo dizer também que para observá-lo desesperadamente. Vim para ver. Se toquei um extremo, queria agora tocar o outro. Não de ideias e doutrinas, que valem muito pouco, mas de realidade. Então esta morte não me lança na sensação de perda, que é natural para quem tudo deu a ele (inclusive, que Deus me perdoe, a desgraça do caminho percorrido). Vim para assistir, por assim dizer, à missa final, onde o sacerdote e a vítima eram a mesma pessoa. Vou precisar de tempo para avaliar se esses dois meses me saíram de proveito ou de danação. Por enquanto resta-me estar na vizinhança deste sacramento. “Deus veritatis”.

Na capela da Cartuxa, foi celebrada uma missa de corpo presente. Após a cerimônia, os fâmulos depositaram o corpo do falecido bispo numa rede e começaram a descer para a cidade. Era como uma enorme procissão. Muitas pessoas que, alertadas pelo toque dos sinos, haviam subido até a Cartuxa, iluminavam com suas velas, lampiões e lamparinas, a estrada por onde descia o cortejo e ninguém se importava com o frio intenso, naquele começo de madrugada.

Não sei se os vagalumes, pisca-piscando ao nosso lado, cuidam mais de iluminar as nossas mentes ou a estrada, por onde desemos, nesta noite tão clara e tão sombria de julho.